



A CATEQUESE DA IGREJA ANTIGA: UMA INTRODUÇÃO; SEU SIGNIFICADO PARA A ATUALIDADE¹

Jochen Eber²

I. INTRODUÇÃO

No tema „Catequese da Igreja Antiga“ despontam muitas questões que, do ponto de vista da atualidade, fazem com que nos interessemos sobre o tempo da Igreja Antiga. Tanto o conteúdo como também a maneira e forma da mediação do ensino cristão tornaram-se fundamentais para tempos posteriores. Assim, por exemplo, perguntamos hoje: o que os cristãos, de forma geral, no tempo dos primórdios, sabiam da sua fé? Ou: onde está o início da doutrina dos sacramentos cristãos, da confissão da fé e/ou da teologia, em geral? A catequese, no contexto da preparação para o batismo, e a catequese que era feita depois do batismo, naturalmente, não eram o único caminho para saber algo a respeito do cristianismo. Que papel tinha o diálogo missionário que visava a conversão, a prédica no culto e a transmissão da fé em famílias cristãs? Também na preparação para o ministério espiritual de um sacerdote na igreja, confissões de fé devem ter existido. Nos mosteiros, provavelmente era exigida fé e vida espiritual dos religiosos. Como isso foi feito e até que ponto os exercícios espirituais realizados nos mosteiros introduziam os monges no cristianismo, de forma que fosse para além da catequese batismal comum? É possível reconstituir a trajetória da educação e formação cristã, da doutrina cristã? Surge, portanto, uma diversidade de perguntas importantes, que agregaríamos hoje aos mais diversos âmbitos da história eclesíástica e do dogma, da ascética e da dogmática, da catequese, da teologia prática em geral e da

1 Palestra apresentada pelo autor no Congresso da AfeT (Arbeitskreis für evangelikale Theologie) – Grupo de Trabalho da área da Teologia Prática, em 11 de março de 2002 em Wölmersen, Altenkirchen, na Alemanha. O presente artigo foi traduzido do alemão por Werner Wiese, co-editor de Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. A revisão da tradução e a adequação das notas de rodapé foram feitas por Claus Schwambach.

2 Jochen Eber (Dr.) é professor de teologia, tendo atuado vários anos como docente de teologia sistemática no Chrischona Theologisches Seminar (Suíça). Atualmente é Diretor do Friedrich-Haus Studienzentrum (<http://www.fhsz.de/html/bibliographie.html>).

teologia da evangelização.

Quem examina a atividade do ensino cristão não deve perder de vista a antiga *Paideia*, visto que o ensino cristão a pressupõe – obviamente não de forma acrítica.³ Para o início, neste lugar, certamente é suficiente partirmos da hipótese de que não o conteúdo, porém a forma do ensino foi assumida pela Igreja Antiga do meio circundante do cristianismo. Visto que na Antigüidade livros eram um recurso caro, o ensino oral e o decorar de textos de autores clássicos tinham um papel importante na formação escolar. Este último aspecto – o do decorar – encontraremos novamente na catequese. Alunos podiam fazer para si breves anotações do ensino de seus professores, mas estas, obviamente, não substituíam a memorização de textos centrais de fé como o Credo e Pai Nosso.⁴ As catequese transmitidas (preservadas) apontam, não por último, para o fato de que o processo da instrução oral deveria ser aprofundado por meio de apontamentos e correções e edições de palestras (exposições). Um exemplo para isso seria o escrito *De sacramentis* de Ambrósio. No seu escrito *De mysteriis* se trata de uma obra literária que, contudo, é redigida na forma de catequese proferidas oralmente em forma de preleção (*vorgetragen*). Ela provavelmente foi escrita na intenção de ser lida por neobatizados para, então, fixar melhor o que foi ouvido.⁵

II. DESENVOLVIMENTO DO CATECUMENATO E DA CATEQUESE NA IGREJA ANTIGA

O Catecumenato na Igreja Antiga tem sua fundamentação na

3 Werner JAEGER. *Paideia: die Formung des griechischen Menschen*. Reimpr. Berlin; New York: Walter de Gruyter 1989; Werner JAEGER. *Das frühe Christentum und die griechische Bildung*. Berlin: Walter de Gruyter 1963, p. 7-8. Alfred LÄPPLE. *Kleine Geschichte der Katechese*. München: Kösel 1981, p. 45; Rainer RIESNER. *Jesus als Lehrer*. (WUNT II, 7). 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck 1993, § 8.5.7-10; cf. a introdução de Richard KLEIN a Gregorio, o Taumaturgo, em *Dankrede an Origenes, FC (Fontes Christiani) 24*, 1996, p. 83-109.

4 Alan R. MILLARD. *Pergament und Papyrus, Tafeln und Ton: Lesen und Schreiben zur Zeit Jesu*. (Biblische Archäologie und Zeitgeschichte, 9). Gießen: Brunnen 2000, p. 166, 208; *Der kleine Pauly: Lexikon der Antike*. Vol. 5. München: DTV 1979, p. 38. Basílio de Cesaréia, p. ex., menciona taquígrafos que na antigüidade acompanharam ditados, prédicas ou também catequese como preparação para publicações posteriores, cf. *ep.* 67 (Mauriner Ausgabe *ep.* 223). BKV. Vol. 46, p. 264, sobre Origenes, cf. H.-J. SIEBEN na introdução para *FC [Fontes Christiani] 4*, p. 10 e Eusebius, *Historia Ecclesiastica.*, 6,23,2 e 6,36,1.

5 Cf. Josef SCHMITZ na introdução aos escritos de Ambrósio sobre os sacramentos, *FC 3*, p. 10 e 13-14; Johann MAYER. *Geschichte des Katechumenats und der Katechese in den ersten sechs Jahrhunderten*. Kempten: Kösel 1868, p. 334.

catequese realizada pela cristandade primitiva e encontrada nos textos neotestamentários. Por causa da prática batismal de infantes, ele se torna supérfluo na Idade Média, e seu conceito sofre forte modificação.

1. A questão da delimitação temporal do Catecumentato da Igreja Antiga

O ensino de Jesus e dos apóstolos é a catequese primária que fundamenta cada catequese temporalmente subsequente da igreja e se constitui em seu interlocutor normativo de todos os tempos. O ensino de Jesus tem uma dimensão catequética. Jesus de Nazaré, como professor e catequista, já se tornou objeto de investigação pormenorizada.⁶ O ensino de Jesus era compreensível e fixável. Ele trabalhava com os métodos da catequese individual, grupal e de massas. O objetivo do seu ensino e aprendizado era a conversão total. Com o envio pré-pascal dos discípulos, ele iniciou uma experiência-modelo para sua futura atividade pós-pascal e dessa forma os instruiu.⁷ No seguimento de Jesus, os apóstolos valorizam seu ensino continuado (At 6.4); continuidade pessoal (*Personalkontinuität*) é uma marca forte do cristianismo primitivo em geral.⁸ Conforme a *Kleiner Geschichte der Katechese (Pequena história da catequese)* de Läßle, no Novo Testamento se encontram mais de vinte verbos que são usados para a mediação do Evangelho.⁹ Os mais importantes são *didaskain*, *kärissein*, *euangelizestai*, *katächein* e *martyresthai*. Já Paulo emprega *katächein* exclusivamente para a instrução da fé (cf. Gl 6.6). Com isso ele criou um termo técnico cristão que distingue o ensino cristão da *didaskalia* filosófica. O conteúdo da doutrina cristã é resumido na expressão „caminho do Senhor“ (At 18.25). Enquanto que no tempo do cristianismo primitivo havia um status de professor independente (*katächuntes*, cf. Gl 6.6 com *didaskaloi* em 1Co 12.28; Ef 4.11), na Igreja Antiga a tarefa do ensino era assumida pelos bispos, prebíteros, diáconos e leigos encarregados.

A Didaquê mostra a transferência de tarefas proféticas e doutrinárias para os bispos e diáconos (Dd 13.4; 15.1). Na segunda Carta de Clemente,

6 Alfred LÄPPLE. *Kleine Geschichte der Katechese*, p. 30; Rainer Riesner, op. cit., especialmente cap. IV. Birger GERHARDSON. *Memory and manuscript: oral tradition and written transmission in rabbinic Judaism and early Christianity*. 2. Aufl. (ASNU 22). Lund: Gleerup 1964; Birger GERHARDSON. *Die Anfänge der Evangelientradition*. (ABC-Team 919). Wuppertal: R. Brockhaus 1977.

7 Alfred LÄPPLE, op. cit., p. 32-33.

8 Birger GERHARDSON, *Die Anfänge der Evangelientradition*, p. 46.

9 Alfred LÄPPLE, op. cit., p. 36-40. Para o que segue, cf. Wolfgang BEYER, in: ThWNT. Vol. 3, p. 638-640; Klaus WEGENAST, in: TBLNT, p. 861; Wolfgang A. BIENERT, RGG. 4. ed. Vol. 4, col. 861-862.

o resultado da atividade cristã-missionária é caracterizado como tornar a pessoa alienada dos ídolos; catequetizar é contraposto à apostasia da fé cristã (2Cl 17.1). Disso é possível concluir que aqui se relaciona catequese ao contexto do batismo. Em Tertuliano, logo após 200 d.C., é documentada a posição dos catecúmenos como grupo na comunidade (Praescr 41; Cor 2; Marc V, 7).

Antes de continuarmos na história da catequese eclesiástica antiga e do catecumenato, ainda queremos definir seu termo temporal final. Com o aumento de batismos de infantes, mais precisamente de neonatais, nas regiões do mediterrâneo e do ocidente que se tornaram cristãs, nos séculos 5 e 6 o catecumenato e a disciplina arcana (*Arkandisziplin*)¹⁰ chegam ao fim.¹¹ Já no quarto século surgem os escrutínios que, como exames, devem preparar para o batismo. Eles se tornam – assim o formula Ferdinand Probst na sua *Geschichte der katholischen Katechese (História da catequese católica)* – „o fêretro da antiga disciplina do catecumenato“ e, ao mesmo tempo, o berço da ordem batismal católica.¹² Aos escrutínios pertencem o exame de fé e conduta dos candidatos ao batismo, orações e exorcismos. No batismo de infantes não se podia mais colocar exigências para o batizando, ele também não pôde ser instruído ou interrogado. Contudo, orações e exorcismos ainda eram possíveis, e eles se desenvolveram no centro dos ritos que preparavam o batismo.¹³ Assim também se modifica o termo da catequese da Igreja Antiga para Idade Média. Catequese não é mais o ensino da fé para os batizando: „Durante toda a Idade Média, *catechizare* caracteriza muito mais *todos os atos litúrgicos que introduzem e preparam o ato batismal propriamente dito*, os quais a igreja realizava com os padrinhos que representam as crianças.“¹⁴ Correspondentemente,

10 Nota do tradutor: *disciplina do arcano* significa *obrigação para ocultar ou manter em segredo*.

11 Arnold ANGENENDT. *Geschichte der Religiosität im Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1997, p. 463-476. Karl BAUS; Eugen EWIG. *Handbuch der Kirchengeschichte*. Vol. II, 1, Freiburg: Herder 1985, p. 306; Peter GÖBL: *Geschichte der Katechese im Abendlande vom Verfall des Katechumenats bis zum Ende des Mittelalters*. Kempten: Kösel 1880, p. 4; Ferdinand PROBST. *Geschichte der katholischen Katechese*. Breslau: Goerlich 1886, p. 47; Georg KRETSCHMAR. *Die Geschichte des Taufgottesdienstes in der Alten Kirche*, in: *Leiturgia*. Vol. 5, Kassel: Stauda 1970, p. 305s define para a Gália o séc. 7 ou ainda mais tarde.

12 Ferdinand PROBST, op. cit., p. 47.

13 Arnold ANGENENDT, *Geschichte*, p. 464s, 467s; Ferdinand PROBST, op. cit., p. 48; Georg KRETSCHMAR, *Leiturgia* 5, p. 275.

14 Peter GÖBL, op. cit., p. 5; cf. Arnold ANGENENDT, op. cit., p. 465s, 473-475; Georg KRETSCHMAR, *Leiturgia* 5, p. 276, Hermann J. VOGT. *Handbuch der Kirchengeschichte*. Vol. II, 2. Freiburg: Herder 1985, p. 253.

os atos nos quais o padrinho representava a criança no exame da fé eram chamados de „catecismo“.¹⁵

2. Catecumenato e catequese nos três primeiros séculos

A história do catecumenato eclesiástico antigo pode ser dividida em duas partes. O primeiro período vai até o cessar da perseguição aos cristãos no leste do Ocidente; o segundo período começa com a era constantiniana. Portanto, os dois períodos duram do período pós-apostólico até o final do terceiro século, e do quarto até o sexto século. No segundo período, o antigo catecumenato eclesiástico vive seu apogeu.¹⁶ No contexto da admissão ao batismo e da admissão na igreja cristã, os batizando são instruídos na fé cristã e examinados em seu modo de vida.

„A situação das fontes não permite caracterizar a história da instrução batismal do tempo apostólico até Justino e Hipólito como um desenvolvimento coeso“, julga Kretschmar.¹⁷ Ainda assim, tenta-se aqui caracterizar aspectos importantes a partir das fontes existentes. No período neotestamentário, pessoas interessadas no cristianismo eram instruídas por meio de crentes que tinham o carisma do ensino ou por meio de apóstolos e dos colaboradores das comunidades instituídos por eles (At 6.4; 18.26; 20.20, 28). A exigência do ensino na ordem missionária em Mt 20.19-20 liga admissão ao batismo e ensino catequético intimamente entre si. Na Didaquê, a regra batismal segue a instrução ética dos dois caminhos, de maneira que esta deve ser entendida como condição para o batismo.¹⁸

As primeiras notícias seguras sobre o antigo catecumenato eclesiástico se encontram por volta de 150 d.C. em Justino, o Mártir. Na sua primeira Apologia, mais ou menos no ano 150 d.C., ele relata da doutrina cristã, na qual candidatos eram instruídos. Se eles „de fato crêem no que foi ensinado e dito e se comprometem a viver de forma correspondente, é lhes ensinado a orar e sob jejum também é feito o pedido por perdão de seus pecados antigos (anteriores)“. Os cristãos oram e jejuam como os candidatos ao batismo. Então, são conduzidos para o batismo, que é entendido como efetivo lavar regenerador. Em seguida, novos e antigos membros da comunidade participam da eucaristia na comunidade. Só quem é batizado e vive de forma correspondente é admitido.¹⁹ Portanto, de

15 Peter GÖBL, op. cit., p. 7; cf. Arnold ANGENENDT, op. cit., p. 469.

16 Johann MAYER, op. cit., p. 39 e Parte I, secção II.

17 Georg KRETSCHMAR, Art. *Katechumenat/Katechumenen I. Alte Kirche*, in: *TRE*. Vol. 18, 1-5, citação p. 1.

18 Op. cit., p. 1; Wolfgang A. BIENERT, RGG. 4. ed. Vol. 4, col. 861-862.

19 JUSTINO, o Mártir. 1. Apologia, 61; 65; 66, in: *BKV 2. ed.*, Vol. 12, p. 74-76, 80-81;

acordo com os depoimentos existentes, em Justino, o ensino batismal na metade do segundo século orienta em três âmbitos: na doutrina, na vida, bem como na oração. Em Justino, ainda não sabemos nada sobre duração e método do ensino. Os escritos Pseudoclementinos, cujas partes mais antigas são do segundo século, e as mais novas do quarto século, informam sobre um período de três meses de catecumenato e jejum antes do batismo. O tempo de preparo mais restrito do batismo pôde abranger de três até dez dias. A catequese ocorria na igreja.²⁰

Para o tempo antes de 200 d.C., Tertuliano dá a informação sobre os catecúmenos que agora formam um status próprio na comunidade. A *Traditio Apostólica* prevê para o catecumenato uma duração de três anos; a admissão a esse status pressupõe um exame: „Os requisitos para a admissão ao batismo agora tornaram-se em exigências para a entrada neste status.“²¹ Tertuliano menciona a Páscoa e então também Pentecostes como data predileta para o batismo, precedido pelo catecumenato. Contudo, a data não é decisiva: „A propósito, cada dia é um dia do Senhor, cada hora, cada tempo é apropriado para efetuar o batismo; mesmo que nas celebrações exista, então, uma diferença, para a graça, isso nada desperdiça.“²²

Por volta da metade do terceiro século d.C., Orígenes defende a fé cristã diante do filósofo platônico Celso. Celso afirma que os cristãos seduziriam pessoas simples com meios desleais; mas eles não se atreveriam abordar contemporâneos cultos. Orígenes lhe responde sob indicação para a forma e maneira da evangelização e catequese cristãs.²³ A partir de ambos os Testamentos ele prova que Deus quer instruir todas as pessoas para a fé. No diálogo missionário, cristãos ensinam os não-cristãos. Poderia-se chamar isso de classe preparatória do ensino cristão.²⁴ Se estes querem viver segundo normas cristãs, eles são admitidos e

Edgar J. GOODSPEED (Ed.). *Die ältesten Apologeten*. Reimpr. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1984, p. 70-72, 74. Berthold ALTANER; Alfred STUIBER. *Patrologie*. Reimpr. da 8. edição. Freiburg etc.: Herder 1993, p. 66; Johann MAYER, op. cit., p. 12s; Wenrich SLENCZKA. *Heilsgeschichte und Liturgie: Studien zum Verhältnis von Heilsgeschichte und Heilsteilhabe anhand liturgischer und katechetischer Quellen des dritten und vierten Jahrhunderts*. (AKG 78) Berlin: Walter de Gruyther 2000.

20 Johann MAYER, op. cit., p. 15 e. 24.

21 Georg KRETSCHMAR, op. cit., p. 1; *Trad. Ap.* 17, FC 1, p. 251.

22 TERTULIANO, *Bapt.* 19, *Cor.* 2-3, *Paen.* 6, *Praescr.* 41; cf. Johann MAYER, op. cit., p. 21. Agostinho é batizado no ano 387 d.C., na noite de Páscoa, pelo bispo Ambrósio em Milão, cf. AGOSTINHO, *Conf.* 9,6,14 e Thomas M. FINN. *From death to Rebirth: Ritual and Conversion in Antiquity*. New York etc.: Paulist Press 1997, p. 221-231.

23 ORÍGENES, *Cels.* III, 51-54.

24 Assim Ferdinand PROBST, op. cit., p. 6; cf. Karl BAUS. *Handbuch der Kirchengeschichte*. Vol. 1. Freiburg: Herder 1985, p. 315-316, o qual, contudo, não fala de uma „classe“.

formam a classe dos catecúmenos ainda não batizados na comunidade. Na sua vida e conduta são vigiados por alguns que também pertencem ao grupo daqueles que querem viver de acordo com as prescrições da fé cristã. Nestes, presumivelmente, trata-se daqueles que receberam o „sinal da purificação“, de cristãos batizados e não de pessoas pertencentes a uma segunda classe de catecumenato que receberam o exorcismo.²⁵ Nas suas homilias, Orígenes divide seus ouvintes de forma geral em dois grupos, os crentes e os catecúmenos, sendo que ambos são admitidos ao sermão da comunidade, bem como também as crianças.²⁶

No contexto de conversas evangélicas, o pesquisador católico Ferdinand Probst²⁷ chama a atividade de ensino dos cristãos a „classe preparatória“ do catecumenato. Seu colega de quatro gerações mais novas, Alfred Läßle, resume a atividade apologético-literária dos apologetas e autores eclesiásticos do segundo e terceiro século sob o termo da catequese „acadêmica“ cristã da primeira fase. As pessoas cultas (*Gebildete*) do segundo e terceiro século deveriam ser encontradas nos seus pressupostos intelectuais e, no mínimo, ser conquistadas para a tolerância em relação à fé cristã e para o fim da perseguição aos cristãos. Além disso, tratava-se de enfraquecer a acusação de que o cristianismo seria algo apenas para pessoas não cultas. „Com uma catequese argumentativa levava-se a mensagem de Jesus Cristo às ‚pessoas cultas‘ da era helenística, procurava-se dar atenção aos seus problemas e objeções e tornar-lhes o cristianismo compreensível e atrativo como a verdadeira sabedoria e o cumprimento dos seus anseios intelectuais e religiosos.“²⁸ Com razão, Läßle coloca esse tipo de „catequese“ entre aspas, pois ela ocorre no espaço preliminar ao interesse propriamente dito dos candidatos ao cristianismo. Na abundância das reflexões apologéticas, aos conteúdos clássicos da catequese como: confissão de fé e Pai nosso, explicação de batismo e eucaristia apenas cabe um significado subordinado, se é que são tratados. Isso está ligado à disciplina do arcano e da situação de perseguição da igreja.

Na apresentação da história da catequese a partir do terceiro século, remete-se a três escolas catequético-teológicas: Alexandria, Cesaréia Marítima e Antioquia no Orontes. No entanto, num olhar mais

25 ORÍGENES, *op. cit.*, III, 51, em relação a isso Johann MAYER, *op. cit.*, p. 27ss e Ferdinand PROBST, *op. cit.*, p. 6-9.

26 Provas veja em Johann MAYER, *op. cit.*, p. 31-33, cf. as *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, in: *FC* 4: 7,8, p. 135; 21,4, p. 235-237; 22,6, p. 245; 32,6, p. 329.

27 Em relação à pessoa cf. Johannes REITER, *Der Moralthologe Ferdinand Probst (1816-1899): eine Studie zur Geschichte der Moralthologie im Übergang von der Romantik zur Neuscholastik*. Düsseldorf: Patmos 1978.

28 Alfred LÄPPLÉ, *op. cit.*, p. 42.

próximo, estas muitas vezes assim chamadas „escolas catequéticas“ não são centros exclusivos da catequese batismal eclesiástica ou da formação para o serviço catequético na igreja. Originalmente elas têm muito mais um caráter particular e estão, antes, ligadas de forma mais solta (frouxa) com a igreja. Seu objetivo é antes a preparação missionário-apologética para o cristianismo do que a mediação catequética dos fundamentos da fé. „Nas escolas cristãs antigas, na maioria das vezes, não se trata de instituições fixas e duradouras ou até de organizações autorizadas a partir da direção da comunidade, mas de empreendimentos particulares de professores isolados, os quais reúnem em torno de si um círculo de ouvintes e alunos ... Só em casos de heresia evidente destes professores os bispos intervieram e os exluíram da igreja.“²⁹ Embora o magistério episcopal fosse ao mesmo tempo magistério doutrinário (*Lehramt*) na comunidade, havia professores cristãos trabalhando livremente, que não eram membros do clero. Eles eram tolerados pelos bispos locais no seu serviço ou confirmados e incumbidos no processo de „incorporação eclesiástica dos professores livres“.³⁰ Assim, Demétrio de Alexandria transfere a direção da catequese alexandrina ao cristão leigo Orígenes; Agostinho escreve sobre o primeiro ensino introdutório ao diácono Deogratias, que ensinava na comunidade de Cartago.³¹

A primeira escola se encontra na Alexandria onde Pantaino, por volta de 180 d.C., ensina numa escola teológico-filosófica particular. Ele instrui Clemente de Alexandria que, lá mesmo, mais tarde, ensina ao lado dele e deve ser seu sucessor como dirigente da escola catequética. Pantaino também ainda exerce influência sobre Orígenes.³² Quando Orígenes muda para Cesaréia Marítima, dois bispos posteriores, Heraklas e Dionísio o seguem, bem como, provavelmente, Theognosto.³³ Depois da morte de seu pai, Orígenes ganhava seu sustento com uma escola particular. Além disso, durante a perseguição cristã de 206-210, ele assumiu o ensino catequético – com crescente afluência, porque todos os catequistas tinham fugido.

29 Berthold ALTANER; Alfred STUIBER, op. cit., p. 188. em relação à problemática e à literatura mais recente, cf. a introdução de Richard KLEIN a Gregório Taumaturgo, in: *pan. Or. FC* 24, p. 99-116.

30 Georg KRETSCHMAR, op. cit., p. 2.

31 EUSÉBIO, *h. e.* 6,3,3. 8; cf. Johann MAYER, op. cit., p. 249. Em relação a Demétrio de Alexandria, cf. Bernhard NEUSCHÄFER, in: *LACL* 1998, p. 161. Em relação ao escrito de Agostinho *De catechizandis rudibus* cf. abaixo.

32 EUSÉBIO, *h. e.* V,10; VI, 6,1 e 19,13. Cf. Hans LIETZMANN. *Geschichte der Alten Kirche*. Vol. 2. 4./5. ed. Berlin: Walter de Gruyter 1975, p. 284-285, 307.

33 EUSÉBIO, *h. e.* VI, 26, cf. Alfred LÄPPLE, op. cit., p. 50; Berthold ALTANER; Alfred STUIBER, op. cit., p. 189.

Depois do seu retorno do exílio, por volta do ano 211, o bispo Demétrio lhe confiou a direção do ensino eclesiástico dos catecúmenos. Diz-se que Orígenes fechou sua escola de gramática secular e que ele vendeu seus respectivos livros para só estudar ainda os escritos bíblicos.³⁴

A partir do ano 233 ou 234, Orígenes se encontra na Cesaréia da Palestina. Lá o bispo local Theoktisto o ordenou como sacerdote, o que trouxe consigo a demissão do ministério da sua igreja natal alexandrina. Até o fim de sua vida, depois de 251 d.C., ele ensinou em Cesaréia. Como já ocorria em Alexandria, como professor altamente dotado, também aqui atraía não somente cristãos, mas também não-cristãos; para seu aperfeiçoamento, o bispo Fimiliano de Cesaréia da Capadócia viajou para Cesaréia na Palestina.³⁵ Entre os alunos mais conhecidos de Orígenes conta Gregório Taumaturgo da Neocesaréia no Ponto. Sua alocução de agradecimento de 238/245 nos informa sobre o programa de ensino dessa escola. Os conteúdos evidenciam o caráter missionário do empreendimento; de preparação para o batismo não se fala. Os estudantes primeiramente eram instruídos nos princípios filosóficos do pensar, então nas ciências naturais (matemática, geometria, astronomia). Depois disso seguia o ensino de ética a partir das quatro virtudes cardinais e, por fim, a teologia como objetivo da formação. Aqui o estudo da antiga teologia filosófica e a teologia dos poetas está no começo, seguida do estudo intensivo e continuado das Sagradas Escrituras.³⁶ Gregório Taumaturgo, Sexto Júlio Africano, Pamphilo e Eusébio são professores importantes que sinalizam a orientação da escola da Cesaréia Marítima.³⁷

A assim chamada escola da Antioquia é, por fim, um termo sumário para exegese e teologia de cunho antioqueno, preponderantemente no quarto século. Na verdade, dever-se-ia falar de uma tendência de ensino teológica antioquena ou de uma direção de pensamento, pois aparentemente não se pode comprovar a existência continuada de uma escola na Antioquia: Lukiano de Samosata, Diodoro de Tarso, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuestia e, no quinto século, o erudito chamado Teodoro de Kyros.³⁸

34 EUSÉBIO, *h.e.* VI, 3; cf. Berthold ALTANER; Alfred STUIBER, *op. cit.*, p. 189. E as *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, FC 4, p. 8-9; em relação à crítica desta afirmação cf. Richard KLEIN, *op. cit.*, p. 103.

35 Cf. EUSÉBIO, *h.e.* 6,3,13; 6,27; 6,30.

36 Cf. Richard KLEIN, especialmente a introdução ao discurso de agradecimento (*Einkl. zur Dankrede*), *op. cit.*, p. 24-30.

37 Cf. Alfred LÄPPLE, *op. cit.*, p. 52 e a introdução de Heinrich KRAFT na obra *Eusebius Kirchengeschichte*. 3. Ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1989, p. 11-74.

38 Cf. Alfred LÄPPLE, *op. cit.*, p. 52-53. Ref. à teologia antioquena cf. *RGG*. 4. Ed. Vol. 1, col. 550-551; cf. o Art. *Antiochenische Schule und Theologie*, in: *LThK*. 3. ed. Vol. 1,

3. Catecumenato e catequese do quarto até o sexto século

Depois do término das perseguições cristãs no quarto século, o cristianismo vive um grande apogeu, da mesma forma o catecumenato. De forma crescente, deve-se duvidar da seriedade do desejo batismal dos candidatos. Pois, em grande número, pessoas se deixam inscrever como catecúmenos sem ter diretamente a intenção de serem batizadas. Nesse contexto, falou-se de „semicristianismo“ (*Halbchristentum*, literalmente seriam „meio cristãos“) ou também falou-se de uma „crise“. Os pais da igreja têm consciência dessa situação problemática; ela se espelha nos seus escritos. Por isso sua catequese pré-batimal deve realçar ainda mais as conseqüências da vida cristã.³⁹ Visto que naquele tempo preparo batismal e realização do batismo se tornam mais abrangentes e a situação das fontes melhora, no que segue, a mediação da fé no contexto do catecumenato apenas deve ser considerada com mais ênfase. Fontes principais são escritos catequéticos de Agostinho, Cerilo de Jerusalém,⁴⁰ mas também de Ambrósio de Milão, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuestia.

Nesse tempo são admitidos ao catecumenato candidatos cuja conduta de vida e motivos tinham sido examinados pelo bispo ou pelos presbíteros. Um candidato é aceito quando é possível demonstrar motivos claros e vontade genuína para se tornar cristão.⁴¹ Por meio das suas condições prévias para a admissão, o cristianismo influenciou a vida dos candidatos e, com isso, também da sociedade. Se um candidato veio por meio de uma inspiração direta de Deus, daí Agostinho – que não descarta isso – pede que agora ele ande pelo caminho mais seguro da instrução por meio da Sagrada Escritura.⁴² Em Agostinho, uma catequese histórico-salvífica que relaciona tudo ao objetivo final do amor, ressurreição, juízo final e modo de vida são o conteúdo da primeira instrução catequética que ele, no seu escrito *De catechizantis rudibus*, apresenta de forma exemplar ao diácono Deogratias; ele contém indicações específicas para pessoas com formação prévia (*Vorgebildete*).⁴³ Depois dessa introdução

col. 766-767.

39 Cf. Christoph MARKSCHIES. *Zwischen den Welten wandern: Strukturen des antiken Christentums, Europäische Geschichte*. Frankfurt am Main: Fischer Tb. 1997, p. 67-69; Karl BAUS, Eugen EWIG, op. cit., p. 304; Georg KRETSCHMAR, op. cit., p. 3.

40 A autoria ainda continua sendo dúvida. Especialmente as Catequeses Mistagógicas (*catech. myst.*) são datadas mais tarde que as catequeses pré-batismais (*catech.*), cf. Georg RÖWEKAMP em relação a Cirilo de Jerusalém, *LACL*, p. 152-153 e *FC* 7, p. 8-15.

41 Ferdinand PROBST, op. cit., p. 25-26; Johann MAYER, op. cit., p. 40-42; *Const. App.* 8,32; AGOSTINHO, *catech. rud.* V,9, *CCL* 46, p. 129-130; CIRILO, *procatech.* 4-5, *PG* 33, p. 340-344.

42 AGOSTINHO, *catech. rud.* VI,10, *CCL* 46, p. 130-131.

43 AGOSTINHO, *catech. rud.* VI,10-VII,11, *CCL* 46, p. 130-133. Em relação à catequese

missionária no cristianismo, os candidato são perguntados se concordam com a preleção e se querem viver de acordo. Se dizem que sim, recebem um sinal (*gezeichnet*) da cruz e, sob imposição das mãos e oração de exorcismo „são feitos cristãos“. Neste âmbito, essa expressão significa que eles são admitidos à pregação. Assim eles foram admitidos da preparação catequética para a primeira classe do catecumenato.⁴⁴

O Concílio de Nicéia (Can. 2) já recomendava uma duração breve do catecumenato para dar aos catecúmenos um tempo de confirmação (*Bewährungsfrist*). Por outro lado, a postergação do batismo, portanto o catecumenato quase que vitalício, não era desejável.⁴⁵ Na verdade, a postergação do batismo tinha a vantagem de que ninguém se tornava cristão sem o auto-exame necessário e a cofirmação na fé; contudo, essa prática certamente não estava no sentido do Novo Testamento. De forma geral se aceita que o tempo do catecumenato deveria durar de dois até três anos antes de alguém ser admitido para o batismo e incorporado no grupo dos *competentes*. Durante esse tempo, eles eram instruídos por meio da participação nas pregações e por meio da leitura própria da Sagrada Escritura, contanto que soubessem ler.⁴⁶ Nas Constituições Apostólicas, por volta de 380 d.C., após orações especiais para os respectivos grupos, os catecúmenos, competentes, energúmenos e penitentes são despedidos do culto, antes de iniciar a parte eucarística da liturgia propriamente dita.⁴⁷

No começo do tempo da Páscoa, os candidatos ao batismo se manifestavam para o batismo. Eles e seus padrinhos, ou seja, responsáveis, eram interrogados pelo bispo a respeito do seu modo de vida cristão e inscritos na lista da comunidade.⁴⁸ Então, durante o tempo do jejum pascal, em conferências mais extensas, o bispo ou um presbítero instrui os candidatos ao batismo. Nos escrutínios: em exorcismos com renúncia ao diabo, em imposição das mãos, orações, assopros e no fazer o sinal da cruz se expressa a despedida definitiva da velha vida e a passagem para dentro da nova.⁴⁹

dos eruditos, cf. abaixo cap. 3.

44 Ferdinand PROBST, op. cit., p. 29-31; Johann MAYER, op. cit., p. 48 u. 59. AGOSTINHO, catech. rud. XXVI, 50, CCL 46, p. 173; CIRILO DE JERUSALÉM, catech. myst. 3,5; *Itin. Eger.* 45.

45 Cf. para isso Christoph MARKSCHIES, op. cit., p. 85s.

46 Cf. Ferdinand PROBST, op. cit., p. 29-31; Johann MAYER, op. cit., p. 43.

47 Cf. *Const. App.* 2,7 u. 8,6-9.

48 Cf. uma interpretação no sentido da tradição antioquena em Theodoro de Mopsuestia, *hom. catech.* 12,14-23. Em relação à situação na Antioqui, cf. R. KACZYNSKI, na Introdução às catequeses baptismais de João Chrysostomo, in: *FC*, 6, p. 73-75.

49 Ferdinand PROBST, op. cit., p. 35-36.

Comunicação e interpretação do credo formam uma parte importante da instrução de fé pré-pascal.⁵⁰ O Credo era confiado oralmente (*traditio symboli*) aos batizando, e eles também tiveram que aprendê-lo de cor. Não era permitido comunicar o Credo a gentios e catecúmenos, pois eles não o entenderiam. Cirilo de Jerusalém deseja expressamente que a formulação não seja anotada (escrita), mas guardada no coração: „Vocês não devem escrevê-las (as frases) no papel, mas cinzelar (gravar) no coração para recordação ... não arbitrariedade humana redigiu o mesmo (Credo), mas nele as doutrinas mais importantes de toda Escritura estão sintetizadas numa única doutrina da fé“; Agostinho se manifesta de maneira semelhante.⁵¹ Cada batizando deve recitar o Credo diante do bispo (*redditio symboli*). Aparentemente só na Igreja Ocidental, e lá também não em todos os lugares, o Pai Nosso era transmitido aos batizando antes do batismo para ser decorado, a fim de que já no primeiro culto da Páscoa eles o pudessem falar em coro. Na maioria das vezes, partia-se do pressuposto de que um não-batizado ainda não poderia invocar Deus como Pai.⁵² Agostinho se empenha com veemência para que aos competentes não sejam mediados somente temas da doutrina, mas também da vida cristã; já no Novo Testamento ambos não podem ser separados, objetivamente.⁵³

O batismo (via de regra) ocorre na noite de Páscoa, na qual os batizando são batizados mediante sua fé no Deus triúno. Concretamente isso significa que o batizando, que está de pé na pia batismal, é interrogado a respeito da sua fé (*interrogatio fide*).⁵⁴ No caso de crianças, a interrogação podia dirigir-se, na terceira pessoa, a seus padrinhos.⁵⁵ Depois de vestidos, os cristãos recém-nascidos participam pela primeira vez da eucaristia. Na semana de Páscoa subsequente, os batizados são instruídos nos mistérios centrais da fé: batismo e eucaristia como conformação com Cristo e participação na obra de salvação de Cristo. Também o decurso do Culto

50 Em relação às diversas épocas da entrega cf. Johann MAYER, op. cit., p. 99-102.

51 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 5,12, PG 33, p. 521, apud: BKV. Vol. 41, p. 92, cf. *Itin. Eger.* 46,3.

52 CIRILO DE JERUSALÉM, *myst. catech.* 5,11; cf. FC 7, p. 51. JOÃO CRISÓSTOMO, *catech.* 2/3,3, FC 6, p. 236/237 em 238/239 e FC 6, p. 77-79; Ferdinand PROBST, op. cit., p. 40, em relação à situação das fontes no Oriente cf. também Johann MAYER, op. cit., p. 105-107, 323.

53 AGOSTINHO, *De fide et operibus* 6,8-7,11.

54 A quinta carta do bispo Dionísio de Alexandria sobre o batismo aparentemente se refere a essa situação. Ele relata o fato interessante de um homem que era tido como crente e participou de um batismo. Ao escutar as perguntas e as respostas, tornou-se-lhe consciente de que este batismo é um outro daquele que ele mesmo recebeu numa congregação herética, EUSÉBIO, *h. e.*, 7,9,1-5.

55 Johann MAYER, op. cit., p. 175-176.

de Santa Ceia com uma explicação do Pai Nosso é objeto da catequese pós-batismal.⁵⁶ Na Antioquia, João Crisóstomo, nessa semana, exorta para o modo de vida cristã, porque a partir da experiência poimênica conhece as tentações dos batizados.⁵⁷ Com o domingo alvo, depois da Páscoa também está concluído o tempo da catequese batismal.

III. O MÉTODO DO ENSINO CATEQUÉTICO

Em primeiro lugar, deve ser mencionado o efeito catequético da prédica comunitária, pois os catecúmenos deviam frequentá-la durante seu tempo de catecumenato e dela aprender. Na sua obra *Sobre a doutrina cristã (De doctrina christiana)*, Agostinho esboçou uma homilética que tem o objetivo de ajudar ao pregador cristão no cumprimento de sua tarefa.⁵⁸ Agostinho não fala só em relação à possibilidade que um pregador apresente sua própria pregação. Ele, muito mais, pensa em leitores que lêem uma prédica (diante do público) que alguém outro ditou, ou também pensa em cristãos que, „segundo próprias inclinações ou capacidades“, lêem prédicas escritas.⁵⁹ Portanto, se cristãos sabiam ler também era possível que edificassem e aprimorassem sua fé por meio de leituras próprias de prédicas, mas, naturalmente, ainda muito mais por meio do estudo da Sagrada Escritura.⁶⁰

O método catequético fundamental da Igreja Antiga era o acroamático.⁶¹ Após leitura da Sagrada Escritura, o bispo expunha sua catequese e os catecúmenos ouviam e procuravam guardar (fixar) os conteúdos. Para catequistas com pouca formação ou analfabetos esta era a única possibilidade para conhecer a fé cristã. Quem tinha aprendido a escrever podia anotar para si frases essenciais da catequese, bem como recorrer a indicações correspondentes em Cirilo de Jerusalém e Agostinho.⁶²

56 Cf. *myst. catech.* in *FC*, 7, BKV² 49, p. 230. Cf. também AMBRÓSIO DE MILÃO, *sacr.*, *FC*, 3. Na Antioquia e África atos litúrgicos eram explicados antes do batismo: op. cit., p. 64. Em relação à interpretação do Pai Nosso em Teodoro de Mopsuestia – presumivelmente no período da quaresma antes da Páscoa – cf. *FC* 17, p. 239-247, 261-262.

57 JOÃO CRISÓSTOMO, *catech.* 3/4-7 und *FC* 6, p. 90-91.

58 AGOSTINHO, *Doctr. chr.*, livro 4, *CCL* 32, S. 116-167; *CSEL* 80, 3-169; BKV. 2. ed., Vol. 49, p. 160-225.

59 AGOSTINHO, *Doctr. chr.* 4, 30.

60 Op. cit., 4,39-40, cf. Adolf von HARNACK. *Über den privaten Gebrauch der heiligen Schriften in der Alten Kirche. Beiträge zur Einleitung in das Neue Testament.* Vol. 5; Leipzig: Hinrichs 1912, especialmente „Modalitäten der privaten Bibellektüre“, p. 78-94; Christoph MARKSCHIES, op. cit., p. 103-110.

61 Nota do tradutor: *acroamático* quer dizer *expositivo*.

62 Cf. acima, CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 5, ebd., *PG* 33, p. 512; AGOSTINHO,

Construindo a partir desse ensino, com leigos cultos pôde-se aplicar o método dialético, a instrução pôde assumir mais a forma do diálogo, como é testemunhado nos Pais da Igreja. O tratamento diversificado dos catecúmenos, de acordo com o grau de sua pré- formação secular e do seu conhecimento do cristianismo é um tema freqüente na literatura catequética. Assim, de acordo com Agostinho, muito depende „... se apenas estão presentes poucos ouvintes ou muitos, se são cultos ou não-cultos ou mistura dos dois gêneros, se são cidadãos ou pessoas do campo ou ambos juntos ou se o povo se compõe de todas as classes humanas possíveis“.⁶³ Depois da sua conversão, em uma carta, Agostinho mesmo tinha perguntado a Ambrósio qual livro da Bíblia, especialmente, ele deveria ler para preparar-se para o batismo. O bispo de Milão ordenou-lhe ler Isaías, „... presumivelmente porque ele (Isaías) predisse de forma mais clara do que outros o Evangelho a vocação dos gentios.“⁶⁴ Na verdade, ele exigiu demais do competente culto. Agostinho mesmo testemunha: „Porém, na leitura do início eu não pude obter proveito e como supunha que faria a mesma experiência na leitura de todo o restante do texto, transferi a leitura até que estivesse familiarizado com a linguagem da Bíblia.“⁶⁵ Cirilo de Jerusalém deixa decorar o Credo não apenas para que o cristão se nutra dessa fé durante toda sua vida, mas também por causa do analfabetismo de alguns dos seus ouvintes.⁶⁶

Na sua fala de agradecimento, Gregório Taumaturgo caracterizou o método do ensino de Orígenes, o qual apresenta perguntas e tarefas e, então, espera as respostas de seus alunos, sim, „de maneira socrática“ os confundia intencionalmente, o que nada lhes agradou no começo: „Quando ele dirigia seus discursos a nós, no começo para nós era difícil suportar e não sem dor, visto que não estávamos acostumados a isso e ainda nunca exercitados para seguir a razão. Mas, apesar disso, ele nos purificou profundamente“.⁶⁷ Orígenes defendia os cristãos contra acusações generalizantes de Celso, que os acusava de metodologia catequética indiferente: „nós trazemos a doutrina cristã a cada ouvinte de maneira como é próprio para o seu caráter e sua capacidade de assimilação, visto termos aprendido, para saber como

sermo 212.

63 AGOSTINHO, *Catech. rud.* XV, 23, BKV. 2. ed., Vol. 49, p. 270, CCL 46, p. 147.

64 AGOSTINHO, *Conf.*, 9,5,13. cf. também o erudito Cipriano de Cartago o qual, segundo informações do seu diácono Pontius, já cedo estudou as sagradas Escrituras e por isso logo assumiu as conseqüências de vender seus pertences (propriedade): Pontius, *Leben des Cäcilius Cyprianus* cap. 2, BKV², 34, p. 9-10.

65 AGOSTINHO, *Conf.*, 9,5,13.

66 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 5,12, BKV² 41, p. 91–92, PG 33, 520-521.

67 GREGÓRIO TAUMATURGO, *pan. Or. FC* 24, 1996, p. 162-163.

devemos responder a cada um'. Existem tais (pessoas) que nada diferente podem a não ser voltar-se para a fé. E a estes nós proclamamos somente a fé; mas sobre outros, na medida do possível, procuramos influir com provas por meio de pergunta e resposta⁶⁸. Quando se aplicou o método dialético, isso ocorreu com o importante objetivo de com isso instruir melhor os cristãos apologético-teologicamente. Assim eles puderam defender de forma pensada sua fé frente a tentações ou agressões de cosmoviões não-cristãs. Os cristãos deveriam receber o melhor ensino possível, de acordo com suas respectivas condições prévias. „Pois nós fazemos tudo o que podemos para que, nossa (re)união (*Vereinigung*) consista só de pessoas ‚sensatas’. Nas nossas conversas com a comunidade ‚nós só arriscamos’ apresentar as verdades mais belas e sublimes da nossa doutrina se temos uma maioria de ouvintes cultos; mas nós ocultamos e calamos as verdades mais profundas, se enxergamos diante de nós pessoas mais simples reunidas, as quais ainda necessitam de uma tal instrução que, com termo figurativo, é caracterizada como ‚leite’⁶⁹.

Agostinho conta com o fato de que pessoas cultas se candidatem para o batismo, depois de terem adquirido conhecimento do cristianismo por meio de leitura própria de escritos bíblicos e teológicos. Eles, na verdade, apenas ainda querem ser admitidos para os sacramentos, mas não mais ser instruídos:⁷⁰ Pessoas assim não costumam só no momento em que se tornaram cristãs examinar tudo seriamente, mas já antes falar com outras pessoas sobre aquilo que move seu coração e mente.⁷¹ Uma palestra resumida dos principais temas da doutrina cristã serve para recordar pessoas que já têm pré- formação no já aprendido e, além disso, ao menos mencionar brevemente temas que elas talvez ainda não conheçam. Por ocasião da admissão, o candidato também deve ser perguntado pelos escritos cristãos que ele leu, ao lado dos canônicos. Pois bem poderia ser que ele tenha pegado livros heréticos e que precise ser instruído mais detalhadamente sobre falsas doutrinas. Ao lado das doutrinas da fé cristã mais importantes, junto a pessoas cultas, as doutrinas éticas fundamentais e as tentações da vida cristã também devem ser abordadas de forma breve, sem arrogância, com consideração ao candidato. O catequista deve adaptar-se à situação; aos temas que interessam menos ao candidato, da mesma forma como às perguntas que são aguardadas com expectativas.⁷²

68 ORÍGENES, *Cels.* 6,10, BKV², 53, p. 107–108, cf. Johann MAYER, op. cit., p. 255.

69 ORÍGENES, *Cels.* 3,52, BKV², 52, p. 265.

70 AGOSTINHO, *catech. rud.* VIII,12, CCL 46, p. 133-134; BKV² 49, p. 249–252.

71 BKV² 49, p. 250, CCL 46, p. 133.

72 BKV² 49, p. 304, CCL 46, p. 174.

Não só o conteúdo da palestra, mas também sua forma: em Agostinho, introdução, parte principal e final são marcados pelo clima com o qual ele encontra diferentes candidatos – também membros de seitas ou adeptos de falsas doutrinas⁷³. Via de regra, ele recomenda que a duração da exposição catequética deva se orientar pelo tempo que está disponível ao ouvinte. Naquela época como hoje isso é óbvio: „Disto ninguém precisa nos lembrar particularmente; isto a demanda já traz consigo”.⁷⁴

Com a pergunta pelo candidato e do método correspondente da catequese também surge a pergunta pelo *lugar* dela. Ele resulta da situação e do número dos ouvintes. Para isso, no já citado capítulo 15 do *De catechizandis rudibus*, Agostinho deixou um bonito exemplo. Também ele conhece a catequese individual, de grupos e das massas. Às vezes, o catequista ensina sob quatro olhos ou também publicamente e, com isso, está exposto à crítica de diferentes ouvintes. Num grupo maior de ouvintes pode ser que todos sejam ouvintes ou apenas um deles escute, e os outros são juízes ou testemunhas da conversa, como isso provavelmente acontecia num exame de fé. Por outro lado, um grupo de ouvintes pode conversar livremente num grupo doméstico, ou o orador fala no molde do conhecido esquema de ensino, frente a frente, a partir de um “púlpito” para ouvintes silenciosos. Estes, por sua vez, distinguem-se conforme número, origem e grau de formação.⁷⁵ Portanto, de acordo com o número dos ouvintes, a catequese necessita, no mínimo, de um quarto particular para a conversa pessoal.⁷⁶ Conversas amigáveis sobre temas religiosos também se pode imaginar que ocorram na sala de jantar (*triclinium*) da casa romana; no período da perseguição, palestras catequéticas talvez ocorriam na área de recepção do dono da casa (*tablinum*) ou no átrio (*atrium*) de casas particulares. O mais antigo espaço para culto preservado de *Dura Europos* atesta a existência de reuniões comunitárias (*Gemeindeversammlungen*) em espaços físicos maiores de casas romanas particulares que foram reformados para essa finalidade. Desde a virada constantiniana no quarto século, eles são substituídos por meio das grandes construções representativas.⁷⁷

Não a provável preponderante catequese preparativa individual,

73 BKV² 49, p. 271, CCL 46, p. 271. A respeito da catequese e rebatismo de heréticos cf também EUSÉBIO, *h. e.* 7,5,5.

74 BKV² 49, p. 249, cf. op. cit., cap. 27, p. 304 e p. ex., CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 17,30.34.

75 BKV² 49, p. 270.

76 Eusébio relata que Orígenes se tenha castrado para refutar suspeitas não cristãs do seu ensino para mulheres, *h. e.* 6,8,1-3.

77 Em relação à Dura Europos cf. Christoph MARKSCHIES, p. 187-191; Georg KRETSCHMAR, *Leiturgia* 5, p. 272, referente A Jerusalém: op. cit., p. 205-207.

como Agostinho a descreve em *De catechizantes rudibus*, acontecia em Jerusalém na Igreja do Sepulcro e da Ressurreição, mas as catequeses pré e pós-batismais. Nas suas catequeses, Cirilo de Jerusalém utilizava metodicamente a topografia espiritual da igreja. (Isso, infelizmente, ninguém que não morava em Jerusalém pôde imitar). Ele, várias vezes, remete para Gólgota como o lugar no qual os ouvintes se encontram. Por isso presume-se que seus ouvintes se reuniam na Basílica constantiniana ao lado da Capela de Gólgota, que pertence ao complexo geral da construção.⁷⁸ O batismo como sepultamento com Cristo, no sentido de Romanos 6, acontecia na noite da Páscoa no *Baptisterium* da Igreja do Sepulcro, portanto, temporal e geograficamente próximo ao local do morrer de Jesus. As catequeses mistagógicas pós-batismais, em contrapartida, Cirilo ministra diariamente na semana da Páscoa na anástasis, junto ao sepulcro de Jesus. No local da ressurreição, os batizados são introduzidos por meio das catequeses mistagógicas, porque eles ressuscitaram com Cristo. Cirilo se refere aos locais da paixão (sofrimento), do morrer e da ressurreição de Cristo com intenção apologética. Eles remetem para os acontecimentos salvíficos que lá aconteceram.⁷⁹ Não deve ser omitido o aplauso dado às catequeses de Cirilo na igreja. Esse aplauso não se dirige a ele como pessoa, mas à verdade libertadora e alegre que ele comunica a seus ouvintes. Das catequeses mitagógicas na anástasis de Jerusalém, a peregrina Egéria anota: “Enquanto o bispo interpreta e relata tudo pormenorizadamente, as vozes dos ouvintes entusiasmados são tão altas que até podem ser ouvidas do lado de fora da igreja. É que ele lhes revela todos os mistérios de maneira que ninguém pode ficar sem ser tocado por aquilo que ouve explicado dessa maneira”.⁸⁰ De forma geral, a suposição não deveria estar errada de que as catequeses da Igreja Antiga aconteciam nos recintos da igreja ou nas construções precedentes. Como seus colegas do ensino geral, professores catequistas particulares provavelmente tinham alugado locais de negócios que eram convidativos e localizados próximos dos pórticos do Fórum local.

78 Cf. *Itin. Eger.* 45,2; 46,1, *FC*, 20, p. 295.

79 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 1,1; 4,10; 5,10; 10,19; 13,4. 22s. 26. 28 (Gólgota como ponto central do mundo); 16,4; 18,33. *Itin. Eger.* a.a.O., 47,1.

80 *Itin. Eger.*, 46,4; citação 47,2, op. cit., p. 303, cf. CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 13,23, *PG* 33, p. 800. Crítica ao aplauso na igreja se encontra na avaliação eclesiástica antiga de Paulo de Samosata: „... welche vielmehr, wie es sich im Hause Gottes geziemt, in Würde und Ordnung lauschen, tadelt und beschimpft er“, EUSÉBIO, *h. e.*, 7,30,9, cf. também o escrito de JOÃO CRISÓSTOMO sobre o sacerdócio (em al. *Priestertum*), *sac.* 5,2.

IV. O CONTEÚDO DA CATEQUESE

Na primeira metade do terceiro século, o conteúdo da catequese inicial em Orígenes é, preponderantemente, de natureza ética: “Ensino educativo e educação factual para o cidadão útil no reino de Deus era a primeira tarefa do catequista”.⁸¹ A recusa ao diabo e suas obras na liturgia do batismo pressupõe que o batizando conheça a diferença entre o modo de vida não-cristão e cristão. O ensino era feito a partir de escritos bíblicos e dêutero-canônicos, os quais abordam esses temas éticos pormenorizadamente.⁸² Na segunda parte da catequese, temas dogmáticos que estão resumidos no Credo eram abordados com mais ênfase; depois do batismo eram, além disso, apresentados batismo, unção e eucaristia.⁸³

Por volta do ano quatrocentos d.C. é escrito o livro de Agostinho a Deogratias sobre a catequese para novatos. Deogratias está inseguro quanto à abrangência da sua conferência catequética, se ele deve acrescentar à exposição (*narratio*) também uma exortação (*exhortatio*) ou somente ordens (*praecepta*) da vida e fé cristãs.⁸⁴ Em um discurso longo e breve, Agostinho apresenta primeiro teoricamente (Cap. 3-4, 6-7) e então praticamente (Cap. 16-26, 26-27) como deve ser a catequese inicial. Chave hermenêutica e alvo do primeiro ensino são o amor de Deus em Cristo, do qual nasce o amor a Deus e para com o próximo: “Portanto, coloca este amor como teu alvo mais alto para o qual todo o teu discurso deve mirar, e então apresenta teu discurso assim que teu aluno por meio do ouvir chegue à fé, por meio da fé à esperança, por meio da esperança, porém, ao amor”.⁸⁵ Depois que o catequista tem perguntado ao candidato ao batismo pelos seus motivos, ele apresenta resumidamente a história bíblica desde a criação até a igreja atual. Nisso se vincula a apresentação das doutrinas da ressurreição, do juízo final e do duplo destino do mundo (*Weltausgang*). Para Agostinho, nesse contexto, é importante mencionar também características fundamentais do modo de vida cristão. Quem, pois, pensa que ser cristão e práticas pagãs sejam compatíveis um com o outro apenas pertence ao “montão daqueles errados... que lotam a igreja apenas segundo o corpo”, mas não pode contar com o fato de ser verdadeiro cidadão da Jerusalém celestial.⁸⁶

81 Johann MAYER, op. cit., p. 253.

82 Johann MAYER, op. cit., p. 254.

83 Johann MAYER, op. cit., p. 257-258.

84 AGOSTINHO, *catech. rud.* I,1, CCL 46, p. 121.

85 AGOSTINHO, *catech. rud.* IV, 8, CCL 46, p. 129, BKV² 49, p. 244.

86 AGOSTINHO, *catech. rud.* VII,11, CCL 46, p. 132, BKV² 49, p. 248.

Quando os candidatos tinham se tornado em catecúmenos, eles participaram nas prédicas do culto. Somente no final desse tempo, antes da data batismal pascal, o ensino eclesiástico era continuado. Mas nos dois até três anos até o batismo, provavelmente não só havia a homilia como fonte de conhecimento para quem estava se tornando cristão. Segundo Mayer, textos em Cirilo de Jerusalém apontam para o ensino particular por meio de leigos.⁸⁷ Na sua conhecida carta da Páscoa de 367, Atanásio menciona que quem quisesse também poderia “ensinar” nos escritos dêutero-canônicos, como Sabedoria de Salomão, em Siraque, Ester, Judite, Tobias, da Didaquê e no Pastor de Hermas. Com o passar do tempo, o Decálogo como resumo da lei (ou a lei na forma da catequese-dos-dois-caminhos) também deve ter sido conhecida aos candidatos para o batismo.⁸⁸ Em contrapartida, numa análise mais recente (1992) sobre a catequese em Antioquia, Reiner Kacynski chega à conclusão: “Instruções próprias para os catecúmenos que não se encontravam em preparação imediata para o batismo evidentemente não eram previstas”, antes o tempo do catecumenato servia à comprovação da fé e do exercício (*Einübung*) para o ser cristão.⁸⁹ Mayer provavelmente relacionou os textos dos Pais da Igreja mencionados muito unilateralmente ao instituto da catequese. Para a admissão ao batismo não era perguntado sobre conhecimento do catecismo, mas o modo de vida era investigado. *A Traditio Apostólica* exige assim: “na escolha dos batizando examine-se primeiro seu modo de vida: se viveram honrosamente durante o catecumenato, apoiaram as viúvas, visitaram doentes, se realizaram toda espécie de boas obras”.⁹⁰

No final do catecumenato está a catequese dos competentes, no Oriente chamados de “Photizomenen”, portanto, daqueles que se candidatam para o batismo, os que devem ser “iluminados”. Partindo de textos bíblicos escolhidos, nas catequese diárias por toda quaresma eles são conduzidos primeiramente para o arrependimento sobre os pecados havidos, para o abandono da vida pagã e para a penitência eclesiástica.

A catequese pré-pascal encontra seu ponto culminante na interpretação do Credo.⁹¹ Na terceira catequese, antes de se voltar ao

87 Johann MAYER, op. cit., p. 286, referente CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 15,18. 26 e 3,13, PG 33, p. 896. 908s e 444.

88 Cf. Johann MAYER, op. cit., p. 287-294; Did 1-6.

89 Introdução a João Crisóstomo, *catech.*, FC 6, citação p. 46. Cf. Georg KRETSCHMAR, TRE 18, p. 2-3, referente a Milão: Josef Schmitz na introdução a Ambrósio, FC 3, p. 17.

90 Trad. Ap. 20, FC 1, p. 253.

91 Cf. Christoph MARKSCHIES, p. 82f. Em relação à interpretação de Rofino de Aquiléia cf. seu *Commentarius in Symbolum*, CCL 20, 133-182; referente a Agostinho cf. *Sermo de Symbolo ad Catechumenos* CCL 46, p. 179-199.

Credo, Cirilo de Jerusalém apresenta a natureza do batismo com base em Romanos 6. Depois disso segue a quarta catequese “sobre as dez doutrinas da fé”, que expõe a vista brevemente as bases da fé; caso já sejam conhecidas, devem ser repetidas: “Quem primeiro tem que ser instruído deve aprender alguma coisa; quem já tem conhecimento deve refrescar a memória naquilo que já tem aprendido”.⁹² O longo espaço de tempo até a explicação dos artigos da fé e até o batismo torna necessário antepor um resumo (*anakephalaisis*): “Antes da entrega do símbolo, agora me parece ser bom (apenas) um breve resumo das doutrinas da fé necessárias para que não sejam esquecidas novamente pelos menos dotados entre vocês no decorrer de todo o tempo da quaresma, caso se ofereça demais das doutrinas a serem expostas”.⁹³ Por essa razão, Cirilo apresenta, de forma breve, a doutrina de Deus, cristologia e pneumatologia para, depois, tratar da alma e do pecado. Temas éticos são relacionados com os termos corpo, alimento e vestimenta, os quais servem de transição para a ressurreição geral dos mortos. Terminando, Cirilo aborda o cânone dos escritos bíblicos e exorta para a vigilância em relação a agrupamentos e práticas pagãs.⁹⁴

A interpretação do símbolo que segue quer ser inteiramente interpretação da Escritura. Já no final do resumo da quarta catequese, Cirilo declara a respeito:

“Se o senhor quiser ainda segue uma explicação reforçada com prova escriturística. Quando, pois, se trata dos divinos, santos mistérios da fé, absolutamente nada deve ser apresentado sem Escritura divina. De forma alguma não se deve deixar desviar por discursos sedutores ou por verbosidade. Tu também só deves crer minhas palavras, se as Escrituras divinas fornecem a prova para as minhas explicações. Se nossa fé deve trazer a redenção, então ela não se apóia em motivos inventados, mas sobre a prova das Escrituras divinas”.⁹⁵ Como já foi mencionado acima, o Credo está arraigado na Sagrada Escritura toda. Primeiro deve ser aprendido o teor (textualmente), depois o catequista transmite os textos bíblicos que servem de prova para as diversas partes do símbolo. Não uma escolha arbitrária, mas os ensinamentos mais importantes da Escritura fundamentam a doutrina do Credo.⁹⁶

Por isso textos bíblicos centrais são antepostos conscientemente às catequese, e outras referências são citadas nas exposições. A reflexão

92 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 63, BKV², 41, p. 63.

93 Op. cit., *catech* 4,3, PG 33, p. 457.

94 Op. cit., p. 63-83, PG 33, p. 457-504.

95 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 4, 17, p. 71, PG 33, p. 476-477.

96 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech.* 5,12, BKV² 41, p. 91-92, PG 33, 520-521.

fundamental sobre a fê na quinta catequese de Cirilo inicia com Hb 11.1-2. A doutrina do batismo se baseia em Romanos 6. Textos vétero e neotestamentários, passagens dos profetas e das cartas neotestamentárias estão lado a lado, com o mesmo peso. O uso escriturístico de Cirilo mereceria uma análise, pois nos textos antepostos, notoriamente faltam citações dos Evangelhos, contudo não nas referências das exposições.

Se a Igreja Ocidental comunicou o Pai Nosso aos competentes ainda antes do culto na noite de Páscoa, para que eles o pudessem falar em coro por ocasião da sua primeira participação na eucaristia, então ele deveria ser abordado nesse lugar da mesma forma como os demais conteúdos da mistagogia, os quais talvez foram explicados pela primeira vez pouco antes da ato litúrgico.⁹⁷ Por volta do ano 500 d.C., em Roma, os Evangelhos e a oração do Pai Nosso são apresentados antes do Credo.⁹⁸ De Pedro Chrisologo, bispo de Ravenna na primeira metade do séc. 5, foi conservada uma interpretação exemplar do texto do Pai Nosso em Mt 5.9-13.⁹⁹ Contudo, mesmo Ambrósio explica o Pai Nosso em Milão só no contexto de suas conferências mistagógicas sobre a celebração da eucaristia pascal dirigidas aos neófitos, depois do batismo destes.¹⁰⁰

Entre as catequese mistagógicas, aquelas de Cirilo de Jerusalém, as quais provavelmente provém do seu sucessor de ofício João II, são particularmente elogiadas. „Ninguém abordou os sacramentos e seu rito catequeticamente com a mesma precisão, nitidez e clareza como aconteceu com Cirilo, apesar de concisa brevidade“.¹⁰¹ O momento pós-batismal das catequese jerusalemitas é, logo no início da primeira catequese, fundamentado com a experiência precedente do batismo:

„Vós verdadeiros e ansiados filhos da igreja! Há muito quis explicar-vos estes mistérios espirituais, celestiais. Mas porque eu sabia muito bem que ver é muito mais convincente do que ouvir, esperei pelo momento atual. Através da experiência da noite (batismal) vós sois muito mais receptivos para aquilo que deve ser dito. Assim, pela mão, quero conduzir-vos para o luminoso e aromático campo paradisíaco. Vós, pois, agora estais em condição de compreender mistérios divinos – a saber os (mistérios) divinos do batismo que dispensa vida. Como agora a mesa

97 Cf. Georg Rōwekamps e sua introdução às catequese mistagógicas (*catech. myst*) de Cirilo, *FC* 3, 7 e Johann MAYER, op. cit., p. 328-329; Ferdinand PROBST, op. cit., p. 39-40.

98 Georg KRETSCHMAR, *TRE* 18, p. 4.

99 PEDRO CRISÓLOGO, *Ausgewählte Predigten*, BKV², 43, p. 75-105; Nr. 67-72, *PL* 52, p. 390-406.

100 AMBROSIO, *sacr.* 5,18-30, *FC* 3, p. 166-179.

101 Johann MAYER, op. cit., p. 332.

das perfeitas doutrinas deve ser posta – então queremos instruir-vos com exatidão para que reconheçais o sentido daquilo que aconteceu convosco naquela noite do batismo”¹⁰².

Na compreensão da Igreja Antiga, batismo e unção mediam o dom do Espírito de maneira que somente os batizados, não só por causa da participação do batismo, mas por intermédio do Espírito Santo, podem entender o sacramento. Por isso também só agora é desenvolvida uma hermenêutica da liturgia eucarística, pois os neófitos podem só agora no Pai Nosso invocar Deus em Espírito como Pai. Em nenhum lugar a ligação de ensino catequético, doutrina eclesiástica e prática fica mais formosamente clara do que nos exemplos do culto batismal e da celebração eucarística. Teologia do sacramento, culto batismal e eucarístico estão estreitamente relacionados um ao outro. É tarefa da catequese esboçar a substância teológica e a compreensão do batismo efetivado e da Santa Ceia celebrada.

Nas catequese pré-batismas de Cirilo, o alvo apologético do ensino está formente cunhado. Antigos adeptos de seitas deveriam ser convencidos do engano de doutrinas anteriormente tidas como verdadeiras; outros candidatos para o batismo eram advertidos contra a leitura desses escritos¹⁰³. Sim, por motivos poimênicos, Cirilo até proíbe a leitura particular desses livros para não pôr a fé recém-germinada novamente em perigo: „Mas todos aqueles escritos que não são lidos na igreja tu, como tens ouvido, também não debes ler para ti”¹⁰⁴. Em contrapartida, nas catequese pós-batismas inexistente qualquer tônica apologética colateral. Aos iluminados o catequista fala de forma franca e jubilante sobre os mistérios dos quais eles se tornaram partícipes no batismo e eucaristia. Eles se tornaram participantes da vida eterna, e pelo catequista são introduzidos no paraíso; a imagem do paraíso se funde com a imagem do Bom Pastor do Salmo 23. Essa interpretação da vida nova também é retomada na arte cristã da construção das igrejas, pela qual a unidade de doutrina e liturgia é ampliada por uma dimensão adicional. A abóbada de St. Apollinare em Classe, do século 6, em Ravenna, mostra o legendário santo Apolinário¹⁰⁵, o primeiro bispo de Ravenna, como orante no centro da cúpula, debaixo

102 CIRILO DE JERUSALÉM, *catech. myst.* 1,1, FC 3, S. 95-97.

103 Cf. CIRILO DE JERUSALÉM, *Procatech.* 10, PG 33, p. 349-352.

104 Cf. CIRILO DE JERUSALÉM, *Catech* 4,33 (PG 33, p. 496): „Não leia nenhum escrito apócrifo”, BKV², 41, p. 79, da mesma forma 4,36 (PG 33, 500): Ao Novo Testamento só pertencem quatro Evangelhos; os demais evangelhos são apócrifos e perversos”, op. cit., p. 81, citação na p. 82.

105 Cf. AGNELO DE RAVENNA, *Liber Pontificalis*, FC 21, p. 96-101.

da cruz de triúnfo da abóbada. Ele está de pé sobre o campo do paraíso no centro de doze ovelhas que se dirigem a ele e simbolizam as almas da comunidade consumada. Um mosaico semelhante com Cristo no centro, e Pedro e Paulo do seu lado se encontra na galeria setentrional da igreja St. Constanza, do quarto século em Roma.

V. O SIGNIFICADO DA CATEQUESE DA IGREJA ANTIGA PARA A CATEQUESE ATUAL

Para o final desta palestra, deve ser caracterizada a importância da catequese da Igreja Antiga para a atualidade. As perguntas feitas no começo não puderam ser respondidas exaustivamente. Para fazer isso, deveríamos analisar o tema mais pormenorizadamente. Ainda assim se evidencia quão importante a antiga catequese eclesiástica é para a comunidade atual. Quero relacionar alguns aspectos ao Ensino Confirmatório (ou seu equivalente nas igrejas livres, o „Ensino Bíblico“) e à pedagogia de adultos na comunidade.

1. A conexão do conhecimento „dogmático“ básico e culto na Igreja Antiga é de importância fundamental. O lugar vivencial do Credo é o culto. Não adianta nada forçar os confirmandos a decorar o Credo se ele não aparece no culto; ou a prédica na comunidade no mínimo se caracteriza de tal forma que o resgata segundo seu conteúdo ou de vez enquanto se reporta formalmente a ele. Sem construir uma tal ponte para o Ensino confirmatório (o que se pode observar muito bem, p. ex., nas prédicas de Ludwig Harms), a memorização somente é questionável.

2. A antiga catequese eclesiástica, com sua concentração em textos centrais, indica que o Ensino Confirmatório não pode desfiar-se em assuntos prediletos, mas deveria primeiramente abordar os temas fundamentais essenciais. Se as bases não são colocadas de forma certa, então ou se pode construir sobre outras (bases) ou sobre elas só se pode construir adiante com dificuldades. A antiga catequese eclesiástica ensina o essencial das bases dogmáticas e das conseqüências éticas, da fé cristã e da vida cristã.

3. Se vemos com que precisão no cristianismo primitivo era investigado o fundo espiritual e cosmo-ideológico dos candidatos ao batismo, surge a pergunta para nós se hoje estamos empenhados da mesma forma para o esclarecimento da procedência de confirmandos e nos

dedicamos à questão. A apologia da fé cristã na atualidade certamente tem um feitiço diferente dos primeiros séculos da igreja. Ela, contudo, destacará da mesma forma a diferença entre o cristianismo e seu meio ambiente não cristão, como aconteceu na Igreja Antiga.

4. Para igrejas que batizam adultos, o catecumenato eclesiástico antigo é uma dica para não se admitir muito rapidamente candidatos para o batismo sem um tempo precedente de exame. A partir da perspectiva eclesiástica antiga, a pergunta decisiva não é se alguém com seu batismo de adulto quer testemunhar sua fé, mas se ele, em comparação com sua vida precedente sem Deus, em princípio e continuamente mudou seu modo de vida e mostra frutos de uma vida cristã.

5. Para igrejas que batizam crianças, o catecumenato eclesiástico antigo é uma obrigação para não admitir muito rapidamente crianças ao batismo sem um exame precedente da vontade dos pais e padrinhos para educar. Pois a prática batismal de infantes na Igreja Antiga só é compreensível no contexto de uma instrução cristã por meio dos seus pais num meio não-cristão, no qual estes até puderiam ser perseguidos por causa de sua fé.

6. Só quem é batizado e instruído é admitido à Santa Ceia. Na Igreja Antiga, a Santa Ceia é o culto regular; nas Igrejas Livres hoje – pelo que sei – isso somente é assim nas *Brüdergemeinden*. A introdução ampla no culto da Santa Ceia naturalmente só tem sentido se isso exerce uma função na comunidade. Com isso quero animar para se comparar a prática da Santa Ceia nas nossas comunidades criticamente com a (prática) neotestamentária e eclesiástica antiga e para devolver à Santa Ceia seu antigo significado.

7. Textos centrais devem ser aprendidos de cor. Hoje o motivo dessa exigência não é mais a disciplina do arcano, mas o fato pedagógico básico de que sem conhecimento também não pode haver reconhecimento. Além disso, este ensino vale não somente na questão do dinheiro, mas também na esfera espiritual: economize em tempo, então terá na crise!

8. A catequese da Igreja Antiga está orientada para grupos-alvo. Os Pais da Igreja exigem uma catequese bem estruturada e conseqüente que leve em consideração as perguntas e procedência dos ouvintes. Isso

também deveria servir de orientação para a catequese de hoje.

9. A catequese da Igreja Antiga mostra como o Pai Nosso é importante para o aprender da oração e para a nossa prática de oração. Daí também deveria ser elemento óbvio dos cultos e da devocional particular e, por isso, também ser aprendido de cor. No período da Reforma, a geração nova aprendeu, ainda sem problemas, algumas páginas da interpretação do catecismo de cor, adicionalmente a textos centrais da fé. No Catecismo de Genebra de 1542, Calvino apresentou às crianças 373 perguntas – que capacidades estão hoje baldias ... Se nós pensamos que ainda trinta anos atrás chineses sabiam de cor o pequeno livro vermelho de Mao Tse-Tung com 144 páginas, a reivindicação de Calvino aparenta ser comparativamente pequena. Contudo, naturalmente não se deveria exagerar. Em todos os casos, *não* poderia fazer mal se a espiritualidade evangelical hoje, muitas vezes tão superficial, recebesse uma fundamentação sólida por meio de textos do catecismo.